ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: A ERA VITORIANA ENTRE O ROMANCE E O CINEMA

Yara Castaldini

Orientadora: Prof. Dr. Lilian Cristina Correa

Apoio: PIBIC CNPQ

RESUMO

Este artigo científico tem como objetivo estudar e analisar a construção da personagem Alice na obra de Lewis Carroll (1865), *Alice no País das Maravilhas* e, também na adaptação feita por Tim Burton (2010), *Alice no País das Maravilhas.* A análise será realizada a partir de teóricos da construção de personagens e de adaptação cinematográfica. Haverá o estudo de como foi feita adaptação para o cinema e as possíveis mudanças ocorridas neste processo. O artigo também mostrará as principais características do contexto histórico em que a obra foi escrita, denominado era vitoriana e, posteriormente, fará a conexão entre a sociedade da época, a obra de Carroll e a adaptação de Burton, revelando certas críticas político-sociais presentes.

Palavras-chave: Período Vitoriano; Alice; adaptação cinematográfica.

ABSTRACT

This scientific article presents as its objectives the *study* and analysis of the construction of the character Alice, in Lewis Carroll's *Alice in Wonderland* (1865) and also the adaptation made by Tim Burton, *Alice in Wonderland (2010)*. The analysis will be made from theorists of character construction and cinematographic adaptation. There will be the study of how the adaptation to the cinema was made and the possible changes found in the study of this process. This article will also show the main characteristics concerning the historical context in which the book was written, named Victorian period and, afterwards, will make the connection between the society of that time, Lewis Carroll's book and Tim Burton's adaptation, showing some political and social pieces of criticism.

Keywords: Victorian period; Alice; cinematographic adaptation

INTRODUÇÃO

O principal objetivo do presente artigo é estabelecer uma comparação entre a obra literária de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* (1865), e a adaptação cinematográfica *Alice no País das Maravilhas*, feita por Tim Burton em 2010, considerando o contexto histórico do hipotexto, chamado de período vitoriano e sua releitura na contemporaneidade. A análise da obra e da produção cinematográfica será realizada pela ótica da personagem principal, Alice, e também sob o ponto de vista daquele determinado momento histórico na Inglaterra.

A obra de Lewis Carroll e a narrativa do filme de Tim Burton estão inseridas em um contexto histórico chamado de período vitoriano. É considerada uma época de grandes avanços nas áreas da tecnologia e da ciência, assim como o surgimento de diferentes formas do pensamento filosófico, como o positivismo e o evolucionismo. O reinado da Rainha Vitória, de 1837 a 1901, foi marcado por uma sociedade de moralidade rígida, puritana e extremamente tradicional, levando a um comportamento social definido pelo radicalismo, no qual a base familiar era muito importante. Dessa forma, o autor pretende mostrar uma fuga dessa sociedade moralizante por meio de uma aventura em um mundo mágico, onde as personagens e os acontecimentos fogem da realidade e do comum.

OBJETIVOS

O artigo tem como objetivo principal mostrar as relações intertextuais presentes entre a obra de Lewis Carroll (1865), Alice no País das Maravilhas, a adaptação cinematográfica realizada por Tim Burton (2010), Alice no País das Maravilhas, e o contexto histórico denominado período vitoriano. É necessário apresentar a situação histórica em que a Inglaterra se encontrava naquele determinado momento para, posteriormente, estabelecer uma relação entre contexto histórico e literatura e, também, entender as críticas político-sociais presentes tanto na obra literária quanto na adaptação.

É de extrema relevância mostrar como a Literatura e o cinema podem ser influenciados pelo contexto histórico no qual estão inseridos. O momento histórico é de grande importância para um entendimento mais amplo da mensagem que se pretende passar por meio de um livro ou um filme, como no caso desse trabalho. Dessa forma, o leitor conhece as diversas leituras que uma obra poderia ter, como no caso de *Alice no País das Maravilhas*. O livro é considerado como uma literatura de entretenimento para crianças, no entanto, quando se tem o conhecimento mais vasto da sociedade vitoriana, percebe-se que por detrás de toda a aventura de Alice estão escondidas críticas dessa época da história da Inglaterra.

MÉTODO

O método utilizado para a realização do trabalho será o estudo da personagem, a partir de algumas teorias, como a de Beth Brait (2006), Antônio Cândido (2005) e Edward Foster (2005). Assim, a problemática está em analisar as duas personagens principais do livro e do filme, caracterizando-as e, posteriormente, apontando as principais semelhanças e diferenças encontradas. É de extrema importância comparar o comportamento das duas protagonistas, já que a diferença de idade entre elas evidencia pontos de vista distintos durante a história. É preciso estabelecer uma contextualização histórica e observar as características principais do período vitoriano encontradas na obra de Carroll e na adaptação de Tim Burton..

Outro ponto importante a ser estudado nesse trabalho são as técnicas utilizadas para se realizar uma adaptação de uma obra literária ao cinema, segundo teorias de alguns autores como Tânia Pellegrini (2003) e Randal Johnson (2003), mostrando todo o processo e, também fazendo uma comparação entre essas duas artes, tendo como foco a obra *Alice no País das Maravilhas*. Assim, o estudo que aqui se propõe, apresenta cunho intertextual e intermidiático, ou seja, pretende-se fazer o paralelo entre a composição das personagens nas duas linguagens em que se lê a obra *Alice no País das Maravilhas.*

DESENVOLVIMENTO

A personagem de ficção se constrói a partir do enredo, do contexto histórico-social e, também pela representação da realidade em que está inserida. Segundo Beth Brait (2006, p.29), “Um aspecto relevante desses estudos é o que diz respeito à semelhança existente entre a personagem e pessoa, conceito centrado na discutida, e raras vezes compreendida, *mimesis* aristotélica.” Alguns críticos contemporâneos afirmam que a *mimesis* não está somente relacionada com aquilo que é refletido ou imitado na obra, mas também com a própria maneira de ser de um romance.

Um personagem fictício não existe fora das palavras, mas representam pessoas segundo modalidades da própria ficção. Por isso, é de extrema importância o estudo do contexto histórico junto com a literatura, pois esta pode refletir o comportamento e pensamentos de uma sociedade de determinada época. Segundo Beth Brait,

> É somente sob essa perspectiva, tentativa de deslindamento do espaço habitado pelas personagens, que poderemos, se útil e se necessário, vasculhar a existência da personagem enquanto representação de uma realidade exterior ao texto. (2006, p.11)

Dessa forma, o autor de um livro é capaz de representar e, muitas vezes, criticar uma sociedade específica por meio de aspectos da construção da personagem, como fala, comportamento, vestimenta e figuras de linguagem. De acordo com Antônio Cândido, "(...) assim, somente no gênero narrativo podem surgir formas de discurso ambíguas, projetadas ao mesmo tempo de duas perspectivas: a da personagem e a do narrado fictício." (2007, p.25). Cândido também diz que para uma situação sair do plano real e virar fictícia é necessário que ela se "anime" e humanize através da imaginação pessoal. Beth Brait faz a seguinte afirmação, "Ao encarar a personagem como ser fictício, com forma própria de existir, os autores situam a personagem dentro da especificidade do texto, considerando a sua complexidade e o alcance de métodos utilizados para apreendê-la." (id., p.51)

A personagem fictícia muitas vezes é considerada o herói/heroína da narrativa, pois passa por uma espécie de jornada, enfrentando desafios e aprendendo lições. O herói parte de sua vida cotidiana e ingressa em uma viagem a um mundo desconhecido, onde passará por diversos conflitos, os quais farão testar sua coragem e enfrentar um processo de transformação pessoal. De acordo com Joseph Campbell (2007), o herói, inicialmente não quer sair da sua vida cotidiana, mas depois de retornar de sua viagem, ele volta ao seu mundo diferente do que era antes.

A literatura estabelece diversas relações com outras artes e mídias, principalmente o cinema. Muitas obras famosas são transformadas em filme por meio das técnicas de adaptação cinematográfica de um texto às telas do cinema. Muito se discute sobre a fidelidade com a obra original no processo de adaptação, mas é importante saber que não é possível realizar uma adaptação cinematográfica totalmente fiel ao texto original por se tratar de dois meios culturais distintos. Segundo Tânia Pellegrini,

> Todos esses materiais podem ser manipulados de diversas maneiras. A diferença básica entre os dois meios não se reduz, portanto, à diferença entre a linguagem escrita e a imagem visual, como se costuma dizer. Se o cinema tem dificuldade em fazer determinadas coisas que a literatura faz, a literatura também não consegue fazer o que um filme faz. (2003, p.42)

No processo de adaptação cinematográfica é importante ressaltar a intertextualidade presente entre a obra original, o contexto histórico e o filme a ser adaptado. Segundo Randal Johnson, "As relações entre a literatura e o cinema são múltiplas e complexas, caracterizadas por uma forte intertextualidade." (2003, p.36)

Para Bakhtin, "(...) o processo literário não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras." (1967, p. 439 apud BRAIT, 2005). Assim, entende-se que um discurso nunca é inédito, mas sim um cruzamento de vários outros discursos.

Período Vitoriano

O período designado como Vitoriano compreende o tempo do reinado da rainha Vitória e foi marcado por mudanças profundas a vários níveis. Foi nessa época que ocorreu o auge da Revolução Industrial, a qual influenciou toda a sociedade e a cultura inglesa. Registrou-se um aumento substancial e repentino da população nas cidades, pois muitas famílias abandonaram o campo para irem trabalhar nas fábricas situadas nas cidades.

As crianças na época do reinado da Rainha Vitória eram submetidas a regras comportamentais e educacionais muito rígidas. Passavam horas na escola aprendendo a memorizar fatos históricos e poemas e, muitas vezes, comportavam-se como adultas. Alice, a protagonista da obra aqui estudada, pode ser considerada uma mini-adulta, pelo seu comportamento e também por ser muito inteligente. Logo que cai na toca do coelho, ela começa a se lembrar de algumas matérias que aprendera na escola, "... sim, é mais ou menos essa distância... mas aí eu me pergunto em que Latitude ou Longitude estou agora." (p.16). Ao longo do texto, é possível perceber passagens como essa, em que Alice mostra a sua inteligência e comportamento típicos das crianças do período vitoriano.

O período vitoriano foi caracterizado por grandes contrastes. Por um lado, a nação inglesa desenvolvia-se rapidamente, no âmbito político e econômico e, também se expandia em colonizações. Por outro, vivia a euforia provocada por esse crescimento e pelos avanços tecnológicos, e, consequentemente, o medo ante a modernização. A sociedade da época temia a modernidade, a rapidez das mudanças e a incerteza que o novo provocava. Foi um período de transição, no qual o novo queria encontrar seu espaço diante da resistência de um povo extremamente tradicionalista.

Segundo Flávia Costa Morais (2004), na Inglaterra Vitoriana, o papel da educação dos lares era extremamente valorizado. As crianças eram educadas para se comportarem como adultos, exigindo-se assim, um comportamento adulto e, consequentemente, maduro. A pressão que os adultos sofriam da sociedade era repassada às crianças, ou seja, os conceitos de culpa e aprovação eram repassados ao universo infantil. A autora ainda destaca que "O universo infantil era povoado por esses dois conceitos que, ao final, eram regidos por um único: medo. Medo da punição- uma das poucas certezas que aquele mundo apresentava" (2004, p.35). A personagem Alice, por sua vez, apresenta-se de uma forma diferente, pois ela ignora o medo e parte em busca de aventura e do diferente, sem pensar nas consequências ou nas punições.

A arte na época tinha um papel de condução formadora, que valoriza a conduta moral e os valores tradicionais. Dessa forma, cria-se um simulacro de viver, através de comportamentos socialmente aceitáveis presentes nos textos da época, por exemplo.

Lewis Carroll, por sua vez, escreve o livro *Alice no País das Maravilhas* justamente para criticar a sociedade tradicionalista vitoriana. Utilizando o *nonsense*, expressão inglesa que designa algo sem nexo, lógica e, muitas vezes sem sentido, Carroll desviou-se das narrativas tradicionais, que ditavam regras de comportamento, e foi mais apelativa ao gosto das crianças.

Sua técnica baseada no *nonsense* foi o veículo ideal para transmitir algumas informações sobre a sociedade vitoriana sem chocar e nem criticar abertamente a época em que vivia. É possível perceber o *nonsense* em toda a obra de Carroll, pois cada situação que Alice vive é tanto excêntrica quanto anormal. As personagens que habitam o País das Maravilhas também fogem da normalidade e tem suas características próprias, principalmente o Chapeleiro Maluco.

RESULTADOS

Estudo sobre Alice, protagonista de Lewis Carroll

Alice é uma criança que pode ser considerada uma mini-adulta, pelo fato de ser muito esperta e questionadora durante toda a trama e, também, por ser uma criança pertencente ao período vitoriano. As crianças dessa época vestiam-se como adultos, eram muito inteligentes e precisavam ter um comportamento adequado aos padrões desse período. No entanto, a personagem, assim como todas as criaturas do País das Maravilhas, também foge às regras comportamentais, mostrando-se uma criança corajosa e destemida.

A partir daí, percebe-se uma crítica à sociedade vitoriana, sob o poder da Rainha Vitória, contida em todo o livro de Carroll. O autor faz a crítica ao mostrar personagens que fogem do padrão de normalidade daquela sociedade, principalmente o Chapeleiro Maluco e, também por apresentar como protagonista uma criança vitoriana, considerada como um adulto em miniatura, a qual persegue animais, fala com eles e se questiona sobre os mais diversos assuntos.

É possível perceber algumas críticas por meio do comportamento, modo de se vestir e a fala de alguns personagens. No primeiro capítulo, a personagem Alice diz “(...) e de que serve um livro sem figuras nem diálogos?” (2005, p.13). Em uma análise mais crítica, o livro sem figuras ou diálogos pode ser comparado com a sociedade vitoriana que, para Alice, era considerada sem graça e entediante, assim como o livro.

No segundo capítulo, Alice dá conselhos a si própria enquanto se vê sozinha diante de um problema. Isso mostra os reflexos da posição social em que a personagem se encontrava, ou seja, era uma criança do período vitoriano submetida a uma educação e regras

comportamentais muito rígidas. Assim, Alice mostra-se uma garota muito inteligente e madura para a sua idade, características supostamente compatíveis com as crianças do período vitoriano. Ela diz coisas como, “Devia ter vergonha, uma menina grande como você, chorando dessa maneira. Pare já, estou mandando!” (2005, p.27).

A personagem principal constantemente muda de tamanho durante a obra e acaba se questionando diversas vezes sobre isso, como ela própria diz “Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei esta manhã?” (2005, p.28). Isso indica uma menina inconstante e em fase de transição, pois não sabe quem realmente é e acaba vivendo uma crise de identidade, assim como acontece com o desenvolvimento comportamental de todas as crianças, indicando, mais uma vez, o aspecto crítico implícito na obra. Pode-se dizer que a personagem principal vive em um paradoxo, pois nunca está no seu tamanho certo, ora grande demais ou pequena demais. Isso demonstra que ela não tem uma identidade fixa, já que está em processo de mudança e, como toda criança, vive o paradoxo de ser ao mesmo tempo “grande” para certas coisas e “pequena” para outras ações na sociedade.

A partir daí, entende-se que Alice vive uma jornada enquanto heroína, pois parte da segurança do seu lar em busca de novas aventuras em terras estrangeiras (País das Maravilhas) e, no final, aprendem-se muitas lições. De acordo com Joseph Campbell, “A maior parte da história se desenvolve nesse ponto. No mundo especial – fora do ambiente normal do herói – é que ele irá passará por testes, receberá ajuda (esperada ou inesperada) de aliados e terá que enfrentar os inimigos.” (2007, p.224). É exatamente o que ocorre com a personagem principal ao ingressar em um mundo excêntrico, onde encontra várias criaturas que fogem da normalidade e alia-se a algumas delas para poder enfrentar seus inimigos, no caso a rainha de Copas. A viagem da protagonista pode representar metaforicamente uma experiência de confronto com as dificuldades e anormalidades da vida e, também, da busca pela sua identidade.

Alice mostra-se uma personagem bastante receptiva aos jogos de sentido que se estabelecem dentro da narrativa. Ela sempre tenta se colocar no lugar do outro e compreender a lógica existente entre as personagens, como ocorre no episódio do chá com o Chapeleiro Maluco e a Lebre de Março, mostrando um comportamento adulto para a sua idade.

> - E desde então – disse o Chapeleiro em tom melancólico – ele não faz mais nada que eu peço. É sempre seis horas da tarde!
>
> Uma ideia luminosa ocorre a Alice. – É por isso que tem tantas xícaras na mesa?
>
> - Sim, é por isso – suspiro o Chapeleiro, - Está sempre na hora do chá e não temos tempo para lavar a louça entre um chá e outro.

> - E é por isso que vocês ficam rodando em volta da mesa? – perguntou Alice
>
> - Exatamente – respondeu o Chapeleiro. – À medida que as coisas vão ficando sujas. (2005, p.92)

Dentro da narrativa, é possível encontrar várias outras personagens que também fogem dos padrões comportamentais vitorianos, fazendo com que o livro faça uma crítica ao reinado da rainha Vitória. Entre eles, está o Chapeleiro Maluco, cujo nome já implica em um personagem incomum. Suas vestimentas, seu comportamento e seu modo de falar fogem da normalidade e, na sociedade aristocrática vitoriana, poderia ser visto como uma manifestação de insanidade. Dessa forma, observa-se uma crítica não somente à sociedade vitoriana, mas a sociedades em quaisquer épocas, as quais não conseguem aceitar o que é diferente e fora do comum, e acabam por julgar pessoas desse tipo como loucas.

Outra personagem que merece destaque é a rainha de Copas, a qual representa uma tirana com ideias rígidas e repetitivas, como a sua principal frase “Cortem-lhe a cabeça” (2005, p. 105). Ela sugere uma mulher portadora de um superego intransigente que impõe dogmas e crenças a todos que estão à sua volta. A personagem também indica o fim da inocência da infância, já que é repleta de ideias manipuladoras.

Estudo sobre Alice, protagonista de Tim Burton

A adaptação de Tim Burton traz uma Alice já entrando na vida adulta, com 19 anos, com o objetivo de ter um público-alvo não só infantil, mas também mais adulto, diferentemente da primeira animação dos estúdios Disney (1951) que era voltada para o público infantil.

Na adaptação, Alice é uma menina que difere dos padrões comportamentais vitorianos, como em uma das primeiras cenas do filme, em que a mãe de Alice questiona a filha por não estar usando meias, e ela, por sua vez, diz que é contra usar esse tipo de vestimenta e responde da seguinte forma “Quem diz o que é apropriado?” (3’ 30”), isso revela uma garota que deseja fugir dos padrões sociais impostos e do moralismo inglês. Apesar de ser uma jovem adulta, a personagem se revolta com as normas e condutas impostas na época do reinado da Rainha Vitória e demonstra um comportamento mais infantil.

Ao cair na toca do coelho branco, a personagem principal não se lembra de ter estado lá anteriormente e, também, não é reconhecida pelas criaturas habitantes desse local. As personagens do País das Maravilhas esperam ansiosamente a volta da verdadeira Alice para derrotar o monstro Jaguadarte no *Glorian Day*, no entanto, pensam que a Alice que caiu na toca na é a mesma. Isso se deve ao fato de que a personagem demonstra-se um pouco diferente da Alice mais jovem, mostrando-se menos corajosa diante dos desafios.

Inicialmente, a personagem mostra-se um pouco receosa frente aos acontecimentos, simplesmente pelo reflexo social do período, em que as pessoas possuíam muito medo da punição e avaliavam seus atos e consequências. Em uma das cenas, o Chapeleiro questiona Alice da seguinte forma “Onde está sua muiteza?” (2010, 41’43”), a partir daí, a jovem começa a perceber que algo estava faltando para que ela pudesse voltar a ser a Alice de antes.

O uso da palavra “muiteza” é uma subversão linguística utilizada por Lewis Carroll para expressar o *nonsense* dentro da narrativa. Com essa expressão, o Chapeleiro quis dizer que a jovem perdera a sua coragem, determinação e precisava achá-la para conseguir atingir o seu objetivo dentro do lugar. Alice estava predestinada a lutar contra o monstro Jaguadarte no *Glorian Day*, com o objetivo de trazer a paz e a tranquilidade para as criaturas do País das Maravilhas.

Alice, inicialmente, não entende o objetivo de enfrentar todos esses desafios e fica dividida entre a cautela e a coragem. A protagonista fica entre o medo do diferente, imposto pela sociedade, e a vontade de ingressar a um mundo desconhecido. Durante a adaptação cinematográfica, Alice recebe ajuda de vários personagens, dentre eles o Chapeleiro Maluco, e se demonstra mais corajosa diante dos acontecimentos, derrotando, no final, o monstro Jaguadarte. Ao retornar para casa, a personagem volta transformada e mais focada em seus objetivos, ela desmancha o noivado com o lorde inglês e percebe que deve fazer o que realmente gosta e não o que a sociedade vitoriana impõe.

CONCLUSÃO

O livro *Alice no País das Maravilhas* (1865) foi escrito não somente para o entretenimento das crianças, mas também para expor a real situação da sociedade durante a época do reinado da rainha Vitória, na Inglaterra. Lewis Carroll, por meio de linguagem metafórica e subversões linguísticas, critica o moralismo inglês e as regras comportamentais impostas, trazendo como personagem principal uma criança vitoriana.

A personagem ao mesmo tempo em que é considerada uma mini-adulta, também mostra o seu comportamento mais infantil, mostrando-se mais questionadora e, também, ingênua. Ela ingressa em uma viagem a um lugar desconhecido e vive um paradoxo em relação a sua identidade, pois está em fase de mudança. Alice está saindo do universo infantil e entrando no universo adolescente, por isso que muda de tamanho diversas vezes durante a obra.

Na adaptação cinematográfica de Tim Burton (2010), a personagem Alice já é mais velha e enfrenta a mesma situação. Ela encontra-se dividida pelo medo e a coragem durante sua viagem no País das Maravilhas e não se lembra de ter estado lá antes. O medo sentido pela

protagonista revela traços da sociedade vitoriana, a qual temia o diferente e o anormal e acabava julgando pessoas desse tipo como loucas. Ao decorrer da narrativa fílmica, Alice vai descobrindo sua identidade e personalidade e encontra a coragem necessária para enfrentar os desafios. Quando retorna, já é uma garota diferente que tem autonomia suficiente para tomar suas próprias decisões.

Por fim, observou-se a crítica ao moralismo inglês e ao comportamento rígido da época vitoriana, a qual é feita a partir de diversos recursos, entre eles a técnica do *nonsense* utilizada por Lewis Carroll. A partir dessa técnica, o autor pretende mostrar o incomum, o insano e todas as situações que fogem da normalidade, mostrando um mundo totalmente diferente da sociedade inglesa daquele período. Carroll coloca em sua obra animais que falam, personagens excêntricos que se vestem de maneira distinta e lugares incomuns. Muitas personagens dentro da narrativa revelam uma crítica à Inglaterra vitoriana pelo fato de terem um comportamento avesso a todos os costumes ingleses da época.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Bakhtin, Dialogismo e construção de sentidos*. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

CÂNDIDO, Antonio [et all]. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Zahar, 2001.

CEVASCO, Maria Elisa e SIQUEIRA, Walter Lellis. *Rumos da Literatura Inglesa*. São Paulo: Ática, 1999.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

McFARLAINE, Brian. *Novel to Film*. An Introduction to the Theory of Adaptation. New York: Oxford University Press,1996.

MORAIS, Flavia Costa. *Literatura Vitoriana e Educação Moralizante*. São Paulo: Alínea, 2004.

PELLEGRINI, Tânia. *Literatura, Cinema e Televisão*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2007.